



fixe

Sempre 11

semana humorística

Estado de Maranhão

RENASCENÇA GRAFICA

PEDRO BORDALLO

REDACÇÃO E OFICINAS
RUA DA ROSA, 57

A moda de Espanha





Os ditos da semana



Antigamente havia os «Misterios de Paris», o romance que fez furor na nossa adolescencia. Tambem houve os «Misterios do Povo», o «Misterio da Estrada de Sintra». Agora ha o «Misterio do Alviela».

O Misterio do Alviela tem que ser resolvido pela nova Comissao da Camara Municipal. Não se trata de saber se ha ou não ha agua que chegue. Trata-se de saber como tem, de futuro, de ser feita a agua. A agua que Lisboa bebe não nasce apenas.

Nasce—e é feita.

E' feita com varios ingredientes quimicos e respeitaveis, no sentido de matar lentamente os bacilos que se instalam na agua, por causa do calor.

Copiando o que lá se faz fóra, resolveu-se deitar na agua cloreto, este cloreto que se costumava deitar nas pias, e agora já se não usa porque os bichos já não habitam as pias, mas os canos.

Ora está provado que com o cloreto as pessoas morriam, ou pelo menos adoeciam, sabendo-se de que morriam, que é o pior que pode acontecer a um vivo.

De modo que os sabios higienistas, que se contradizem, estão atrapalhados. E' bem verdade que os analistas tambem dizem que a agua do Andaluz — não era pura. Mas o certo é que quem a toma a acha deliciosa, melhor do que a de Carabafia. Mas a agua

do Alviela traz tantos bichos nos seus 117 quilometros de viagem, a meter bacilos por essas estações e spondeiros fóra, que, quando chega aos Barbadinhos, se vêem atrapalhados com tanto microbio, e o exemplo do Andaluz fica a perder de vista.

Já se pensou em substituir a agua do Alviela por outra agua qualquer. Agua de Colonia, por exemplo; mas não é possível por não haver canalizações até Colonia.

Agua-raz, embora não matasse tanto, tambem não ha suficiente. Agua de Vidago, ou das Lombadas, ou de Vale de Cavalos — não é adaptavel. Só vive em garrafas ou garrafões, e para se adaptar às Aguas

Livres custava muito dinheiro, e entretanto, enquanto se fazia a viagem até aos reservatorios de Lisboa, os bacilos morriam todos, e lá perdiam aquelas aguas medicinais as suas propriedades.

A agua do Gerez, que está agora acreditadissima, desde que um medico julgou descobrir que ela não servia para a gente se curar, tambem não é facil trazê-la até aos Barbadinhos.

Enfim — o problema das aguas avultá entre todos os problemas municipais.

A gente não se importa de morrer ou de se intoxicar. O que a gente deseja é morrer, sim — está escrito no nosso destino — mas quero morrer

da agua, supondo que é do vinho ou de uma constipação.

O problema está nisto.

Já houve quem se lembrasse da agua salgada. Mas depois — como é que andavam os navios? E como é que se havia de fabricar a agua de Carabafia?

Grave, muito grave.

O que não está dividido — e isto não são conjeturas de mau humor — é que esta agua é agua chilla. Por enquanto, o remedio é deitar-lhe um pouco de aguardente, que com açúcar é esplendida para a gente tomar banho, ou, em pequenas doses, para a gente matar a sede.

Ha que fazer alguma coisa. Deitar na agua cloreto — já é negocio descoberto. Experimentem deitar-lhe estrichinina, piramidon, neosalvarsan, bismuto ou cal de pintar os muros. O que quizerem. A agua oxigenada dá resultado para lavar a cabeça e curar feridas já com alguns anos de idade. Para matar a sede, talvez faça muita espuma. Claro que tudo isto são opiniões de leigos. E' simples agua borica no problema. Os bacilos já bebem agua borica com pão com manteiga. A agua borica, mesmo, já está inquinada. E por inquinada: não se descobre nada, nada.

Confieamos, contudo, que a Camara tome uma attitude decisiva, porque já ha dias morreu afogado no Tejo um homem, sem necessidade nenhuma disso. Agir, agir! Aguas paradas não movem moinhos...

OS NOSSOS MEDICOS



Dr. Leite de Vasconcelos, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa e Director do Museu Etnologico Portuguez. Etnologo, arqueologo e etnologo notavel. O Museu é o seu templo, onde guarda antigas armas, amuletos, tijolos, tijolões e tijolas... da casa



—Final, em que situação vivemos? Isto é constituição ou ditadura?

—Não, meu amigo. O que isto é é «dentadura»...



«Blanco y Negro»

CARTA DUM SOLDADO DO 33

para a noiva que ficou na terra

Minha incluída Rosa.

Tenho a satisfação de te participar que isto agora por cá vai tudo bem e que tratamento qualquer dia mandam a gente embora p'ra terra.

A modos que já se acabaram os golpes porque há já três dias que a gente não dá nenhum. Segundo ouvi lá-se preparando para obras e pelos gestos que vejo, parece que não há semos cá precioso para lhe dar umas ajudas.

Conta-se aqui que vai ser tudo re-saiar. Mas dis que vão mandar fazer estradas e um palácio para a justiça.

Há dias correu p'ra ahí que havia um novo movimento militar no Norte, mas não era verdade. Aquilo era patranha do governo para ir animando o povo, enquanto as obras não começam, porque o Zé o que quer é pagode. Quando não há leis par. fazer abaixar os preços dos generos, gosta que lhe deem ao menos uma salva de artilharia. Franta lá no teu pensamento que esta gente gosta tanto de tiros que em lhe entrando uma bala pela jareia e em lhe escavancando a mobilia, nunca mais a mandam concertar, para recordação.

Ai Rosa se tu visses estas ruas. Isto é tudo cheio de buracos, que são recordações de revoluções antigas e ha uma estatula ao pé do sr. Camões que ficou sem roupa nenhuma e com os dedos das mãos todos cortados pelas balas. Só no largo do Municipio é que não houve estragos nenhuns e hav'á lá tanta coisa que cortar. Ha lá uma coisa muito espantada que até interrompe o transito, mas não ha uma bala que hoto aquilo abaixo. Chamam-lhe o Pó-loirinho mas não sei porque razão, porque além de ser toda negra, com uma bola na ponta, nem sequer tem cabelo nenhum. Cumo é que eles sabem então que é loirinho? Eu só queria que tu vieses. Mas deixa estar que ainda um dia has de ver em a gente se



casando, porque tambem tu has de vir a Lisboa.

Conforme já te mandei dizer, os politicos acabaram. Inté uns tantos que tinham guardado por curiosidade na fragata já se despejaram deles e já estão começando a guardar nos militares, que é para quando se chegar á ultima hora não haver falta deles para os muscus.

Adena, minha querida Rosa, muitas saudades do teu noivo sempre fixe p'ra ti cumo para os golpes de Estado.

Mancei Joaquim

Varias attitudes



Lisboa vista por um alemão



Lisboa vista por um alemão



A Vingança do Chinês

Aquele chinês era pontual como um caixa de comercio. Quem o quisesse ver que o fosse procurar ao Bristol Club, ao soar das campas. E o Chiquinho Bacelar irritava-se todo ao vê-lo aparecer na sala do cubarel com o seu sorriso estético e implicative, com a sua serena gula para as mais lindas papillons da casa. Uma noite em que o Chiquinho entrara demais no Colares tinto, julgou vê-lo chinês a piscar o olho para a demia... o acompanhara — e como não admittia desconfianças a ninguém, foi-se ao chinês e esbofetou-o á portuguesa. O chinês, mal se defendeu — e ficou muito amarelado. Acertou o laço da gravata e, fitando-o com os seus olhos d'amendoa, disse:

— Tu podias pagar a sua agressão com a morte, mas não quero. A minha vingança será muito pior!

Tirou um bilhete de visita do bolso, rabiscou uns caracteres chinezes e, entregando-o a Chiquinho, acrescentou:

— Toma! As palavras escritas neste pedacinho de cartão não deixarão que gosa nunca mais um minuto de paz!

— E está de toborel?

O Chiquinho, com a bochecha com que estava, não deu perfeita conta de que o chinês lhe dissera. Mas quando, na manhã seguinte, acordou com a boca a saber a letra de chapéu de papel, a reconstrução mentalmente a situação da vespere, pôde perceber:

— É verdade! É a minha vingança!

— Mas, senhor ministro, que mal lhe fis eu?

— Sai depressa... E é que lhe vale a si é a minha situação e o senhor não ser tambem chinês. De contrario até o comia com dois pausinhos...

Hala!

Chiquinho saiu mais atormentado do que entrara. E a curiosidade mais aguda ainda. Andou durante todo o dia e toda a noite á procura de uma resolução que lhe permitisse desagorir o conteúdo daquele infernal bilhete! Já de madrugada, lembrou-se dum velho amigo — o general Costa Gomes — que durante muitos anos vivera em Macau e que conhecia intimamente o idioma chinês. E lá foi procurar-lo á casa. O pobre general, acordado ao ruído do sino, levantou-se e tratou-o assim:

— Mas não me diga nada, porque que seja a si? Vi os caracteres — explicou o chinês.

— Mas, senhor ministro, que mal lhe fis eu?

— Sai depressa... E é que lhe vale a si é a minha situação e o senhor não ser tambem chinês. De contrario até o comia com dois pausinhos...

Hala!

Chiquinho saiu mais atormentado do que entrara. E a curiosidade mais aguda ainda. Andou durante todo o dia e toda a noite á procura de uma resolução que lhe permitisse desagorir o conteúdo daquele infernal bilhete! Já de madrugada, lembrou-se dum velho amigo — o general Costa Gomes — que durante muitos anos vivera em Macau e que conhecia intimamente o idioma chinês. E lá foi procurar-lo á casa. O pobre general, acordado ao ruído do sino, levantou-se e tratou-o assim:

— Não posso socorrer enquanto não souber o que o maldito anarcho escreveu no bilhete.

Vestiu-se, saiu, tomou um taxi e foi á legação chinesa. O ministro recebeu-o com requintadas amabilidades europeias e pôde-se imediatamente á sua disposição para traduzir o bilhete. Chiquinho entregou-lhe-o, e o ministro acavalou os olhos no papel minuscuro, e logo se ergueu mastigando uma praga no seu idioma. Tocou a campainha e, quando appareceu o criado, ordenou-lhe:

— Ponha esse senhor lá fora!

Chiquinho, quasi tremulo, indagou afflitivamente:

— Mas, senhor ministro, que mal lhe fis eu?

— Sai depressa... E é que lhe vale a si é a minha situação e o senhor não ser tambem chinês. De contrario até o comia com dois pausinhos...

Chiquinho saiu mais atormentado do que entrara. E a curiosidade mais aguda ainda. Andou durante todo o dia e toda a noite á procura de uma resolução que lhe permitisse desagorir o conteúdo daquele infernal bilhete! Já de madrugada, lembrou-se dum velho amigo — o general Costa Gomes — que durante muitos anos vivera em Macau e que conhecia intimamente o idioma chinês. E lá foi procurar-lo á casa. O pobre general, acordado ao ruído do sino, levantou-se e tratou-o assim:

— Mas não me diga nada, porque que seja a si? Vi os caracteres — explicou o chinês.

— Mas, senhor ministro, que mal lhe fis eu?

— Sai depressa... E é que lhe vale a si é a minha situação e o senhor não ser tambem chinês. De contrario até o comia com dois pausinhos...

— Fora daqui! Lá por eu ser um velho não admito que façam pouco de mim! Fora! Fora! Vá mangar com a tropa para outro sitio!

O Chiquinho só parou em casa. Não! Aquilo era demais! Aquilo não podia continuar! O maldito do chinês fazia pagar caro a bofetada que lhe dera. Sentia-se doente! Sentia-se com febre! Deitou-se, mas não dormiu. E logo que amanheceu veio para a rua. Era a hora da saída dos jornais. Comprou o *Diário de Notícias*. Sem saber porque, percorreu a secção dos anuncios. Três linhas lhe chamaram a atenção. Diziam assim:

PROFESSOR DE LINGUAS ORIENTAIS
Da lições e tradus sobre tudo do chinês. Preços módicos. Rua tal, n.º tal

Nasceu-lhe de novo, no espirito, e esperança. Correu á morada indicada. O pobre professor recebeu-o com alvoroço. Era o primeiro cliente que lhe apparecia. Chiquinho repetiu-lhe a historia.

— Esteja V. Ex.ª desconfiado que eu farei uma tradução textual.

Leu e cartão. Ficou alucinado e o cliente, tornou a olhar para o bilhete e outra vez ainda para Chiquinho. Limpou o suor e por fim disse:

— Meu caro senhor: eu sou um honrado professor com muita necessidade de ganhar a vida. Mas ofensas não se admittem a ninguém! A ninguém! Ponha-se já no olho da rua.

Chiquinho jáque que ia endoidar! Que terrivel vingança o chinês! Mas não! Ele não podia continuar. Então sentiu daquello buraco. Faria tudo o que fosse possível, arruina-se-lhe mas havia de descobrir o que o chinês escrevera naquelles

cartão. Se fosse preciso, iria a Pequim; aprenderia o chinês... E se nem mesmo assim conseguisse o que queria, dava um tiro nos miolos.

Dito e feito. Tomou o primeiro paquete; desembarcou em Hong-Kong e lá foi para Pequim, instalar-se no Hotel Europeu. Subiu ao quarto, arrumou as malas e, quando desceu ao hall, ouviu que o chamavam pelo seu nome. Voltou-se e teve uma exclamação de alegria. Era João, o que tinha sido criado de seus pais — um simpatico e dedicado aventureiro que um dia partira de Portugal á busca das emoções e das riquezas das viagens e que ele agora vinha encontrar em Pequim fardado com uniforme de cicero.

— Então por cá, João?

— É verdade, maninho Chiquinho. E vai já para dez anos.

— Nesse caso, sabes falar chinês?

— E ler e escrever — como se fosse a nossa lingua.

— Nesse caso, vou pedir-te o maior favor que me podias fazer. Vou dar-te um bilhete para tu traduzires. Beja o que fór que ele tiver escrito, mesmo que seja a maior offensa para mim ou para ti; memo que minha te repugne — tu me reproduzirás p-a-pá Santa Justa. Juras?

— Juro-lhe pela vida dos meus paisinhos que lá ficaram em Portugal.

— Então prepara-me uns miguetos. Vou subir ao meu quarto e trago-te já o bilhete em questão.

Subiu, encerrado. Demorou-se perto de uma hora. E quando voltou ao hall vinha tão pallido que João correu para ali, aterrado, e indagou se ele estava doente.

— Recet-me do bilhete em Lisboa!

O Homem da Fuzil.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O PORTUGUEZ é o unico habitante do globo que tem ideias fixas. Assim convencionou uma vez que era impossivel haver opera portuguesa, cantada por portugueses. Desde esse dia, todo o baritono italiano de voz estafada e toda a prima-donna de canto galinaceo—são celebridades vistas e indiscutíveis.

Pedro de Freitas Branco, com artistas nacionais, organizou uma admiravel companhia lirica, que tanto no Col'seu dos Recreios, como no S. Luis, tem obtido clamorosos triunfos—por um publico escasso mas conhecedor.

Não haveria possibilidade de injetar nos espectadores da opera esta verdade—que a nossa, cantada pelos nossos, ainda é a melhor?



CONSTA que alguns empresarios de revista vão fazer contratos com os seus colegas de Paris para representar em Lisboa os melhores numeros que se exibem naquela cidade.

Para quê o contrato, se mesmo sem ele, todos os numeros cá veem parar... por coincidência...



«CABAZ de Morangos» é o titulo da nova revista do Eden Teatro...

Quem vai vender a saborosa fruta é a estrela L. D. Como o nosso povo é o mais guloso de todo o mundo, esperamos que o espectáculo corresponda ao seu paladar.



«AS TRES meninas nãs» estão nesta paradisiaca posição ha perto de dois meses. Ha quem diga que elas se envergonharam e que o C. S., o novo Adão, não quiere comer a maçã do pecado por ela ainda estar muito verde...

Muito verde ou muito madura?



SÓ a empresa E. B. tem montadas 53 peças—dizem os prelos.

Calcule-se que elas eram das que tem seis autores, como algumas que conhecemos...



R. M.—Meu Santo Antoninho onde te podes?
L. R.—Põe-me em toda a parte, menos no Teatro Nacional...

E se todas tivessem musica?

Faça-se de conta que as tinham musicado nove maestros, como uma que para ali vem...

Tinhamos muito belamente: 53 peças de 318 autores, musicadas por 477 maestros.



AS mãos da actriz I. B. tem sido muito discutidas.

Porquê?

Porque todo o homem, quando se veste de mulher, sabe onde as ha de pôr, e toda a mulher, quando se veste de homem, só sabe metê-las nas algibeiras...



PREGUNTA feita ha dias nos bastidores do T. de V.:

—Este teatro não dará borlas?

Como houve quem não percebesse, vamos dar uma explicação para os menos inteligentes:

—Não se pode pôr pó de arroz sem borlas...



A ACTRIZ M. P., mala postal diplomatica e literaria, bate no Nacional, o record de resistencia e da permanencia.

Quando entra em scena todos se calam, até ella—para que o ponto trabalhe com todos os aceleradores vocais.



A NOVA parceria B. B. B. (Bastos-Bermudez-Brun) está tratando

da montagem de «O arroz de quinze...»

Começam pelo que lá val... Mais vale. A's vezes, os que começam pelos «fox-trots» não sabem por onde acabar, quanto mais começar. Questão de principios...



O E. B. faz, na peça actualmente em scena, o papel de «Brilhante» e intitulou de «Pomada Amôr» a revista de que é co-autor.

Não será brilho e pomada a mais? Talvez não. Dizem-nos, aqui do lado, que entre o cabelo e os miolos é que está o gato...



AS girls, quando são girls e dançam mal, ganham cem escudos por dia.

As girls, quando são girls e trabalham no T. M. V., ganham quatrocentos e 50 escudos mensais.

Que horrivel é a baixa do escudo, em comparação com a libra...

Questão de bolsa!



VAI debutar como bailarina, no T. do G., a actriz I. de V., que exhibirá danças selvagens, que executa como nenhuma. A dança em que se estreia será o «Bailado dos Zulos», vulgo «Ragas»...



MUITO tempo levam a despír as três meninas que se hão de apresentar no Teatro do Gimnasio completamente nãs.

Já demos o aviao, o verão avança e depois é perigoso—as meninas podem constipar-se...



ENTRAMOS na era dos pequeninos...

No Campo Pequeno estão representando, e nada mal ensaiados, os filhos do Zé Casimiro, e no Teatro Nacional, um pouco pior ensaiados, os filhos do Alexandre de Gusmão e da Maria Pia...

O Homem das 5 horas



Antonio Maria da Silva



Pinto Barriga



Manuel Maria Coelho



Velhinho Correia

Fruta do tempo...

A' luz do bico do gaz

Res do lado muito baixinho.

A' luz do bico do gas
mesmo fronteiro á janella,
como prova de carinho,
o maroto do rapas
tem, nas suas, as mãos deida...

Bairro excêntrico, grotesco,
A' noite vai de longada...

Ponde de parte um burguez
que seio tomar o freico,
em canção, p'ra a saoda,
sómente um gato maltes,
á claridade da luz,
quebro o silencio espectral
com restos duma pescada,
que alguém lançou para a rua
embrulhada num jornal...

Ela, mudo; ela, calada!...

Já desligaram as mãos
e aproximaram as bocas,
que se colaram, depois,
num dos beijos mais pagdos
que viram orgias loucas!

Louvados sejam os dois!...

Nem deram pelo visinho
que achando forte a chalaça
e, p'ra não ser testemunha
no processo,—de mansinho
resnou, fechando a vidraça:
—Um homem és cada uma!...

O gato, já satisfeito,
foi-se enroscar no passeio
adormecendo á seu modo.
E unidos peito com peito,
eles, vivendo do enlajo,
são donos do bairro todo!...

Que pena aquela barreira
com que o engenho isolou
da mulher o amante eleito!
Que asneira! Que grande asneira!...
—Quem seria que inventou
janelas com parapeito!...

A tortura é desmedida...

Foge a lua pelo espaço
e, ao longe, a manhã clareia.
Dão-se as mãos em despedida
e ele, então, vê-lhe num braço,
mesmo junto á uma veia,
uma mancha vermelhinha...

Logo se enche de cuidado
o pobre do bom rapas,
prevendo coisa daninha,
e examina o estranho achado
á luz do bico do gas.

Ela, porém, avouçada;
rindo de tanto temor,
dis-lhe, abrindo á gargalhada
os seus labios de romã:
—Ficou-me o senhor doutor;
é de Neosulvaran!...

Silva Tavares.



Uma questão de côres

Um Augur, que prevê seja o que fôr,
Me diz que se ao Carmona lhe aprouver
O actual Governo recompôr,
Terá de pespegar no Interior
Com o sr. Alberto Xavier.
E, como eu não tomasse aquilo á sério,
Me dissipa num rapido momento
A névoa espessa e tórva de misterio
Que paira sôbre aquele ministerio,
Com grande lucidez de pensamento:
O raciocinio, atento, eu acompanho,
E á verdade evidente eu me submeto:
—Seria realmente muito estranho,
Se aquele «Claro» se tornou «Castanho»,
Que ao tom «Castanho» se não siga... o «Preto»!—

João Fernandes.

MEDITAÇÃO



—Não parece porque é que a mamã cortou o cabelo "á Garçonne", e a mim não m'o deixa cortar.

A' prova de fogo...

Os golpes que nos dão

Certa vez um doente por suggestão
foi consultar certo cirurgião,
a quem contou os males de que sofria,
E o medico pasmou, com mil razões:
—Era estomago, figado, pulmões,
e uma profunda e má neurastenia!...

—Sofria da Beziga e tamou: tinha
umas dôres agudas na espinha,
... o fasicam dar gritos lancinantes!
E se destas doenças se esquecia,
vinha o diabo da neurastenia
e tornava-o doente, como d'antes!...

O Medico ouviu tudo!—E assombrado,
depois do relatório detalhado,
acabou por largar esta sentença:
—Quais molestias! Você é que se ilude,
é precisa uma esplendida saude
p'ra poder resistir a tanta doença!!!

Comparemos o caso original
com os golpes de Estado em Portugal,
que se sucedem sem interrupção,
e temos de acabar por concordar
embora o não queiramos confessar,
que o medico afinal tinha razão!...

E o estrangeiro quando lêr por lá
as noticias dos golpes que ha por cá,
nunca tome este facto por fraqueza...
Veja bem a coragem com que aguenta
as ondas colossais desta tormenta
a valorosa gente portuguesa!...

E, á laia do medico falado,
o estrangeiro que fôr bem educado
veja bem o que golpe quer dizer...
Veja que golpe quer dizer facada
e que uma terra tão anavahada
nem devia ter forças para viver...

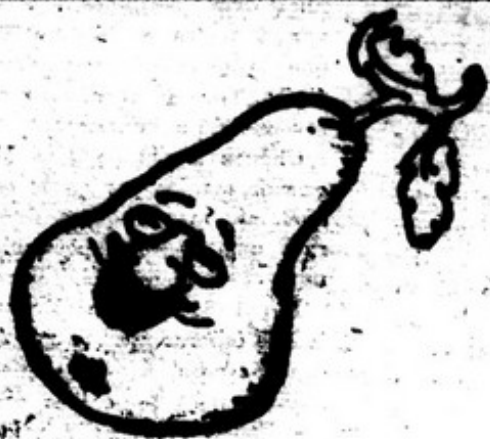
Lembro então a anedota do doutor,
e vejo que esta terra é a maior,
a de mais valorosa e forte gente!!!
Que tem tanta saude e tanto sangue,
que nunca poderão torná-la exangue
os golpes que lhe dão constantemente!...

Anibal Nazari.

A Republica mobilisada



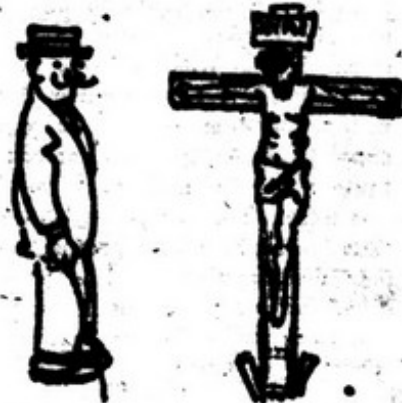
—Ordinario, marche!



Afonso Costa



Sinel de Co rdea



Homem Christo

Isto de fazer humorismo implica estar de bom humor. E para se estar de bom humor é necessario não ter preocupações. Eu então, que sou todo susceptibilidades irritaveis, só em pensar que posso ser censurado por alguém, sinto o espirito transtornado. E' uma doença moral, um mal que se reflete no meu fisico... Antigamente era alegre, riso nos labios e cara prasenteira; hoje ando triste, de beijo caído e cara... monô. E che' de ideias negras, só penso na vida desvairada...

Estou fora da minha epoca... Os usos e maus costumes que me rodeiam não são do meu tempo. Esta vida cara e descarada não é o meu ambiente... Olho para mim e em torno do mim e põem-se-me em pé de horror os sedosos cabelos do chinó... Reparém!... Este tecido ignobil que reveste as minhas apolineas formas, custou-me quatrocentos e cincoenta escudos. Outr'ora teria com esse dinheiro 50 fatos de bom cheviote. Os trinta e seis escudos que dei pelo chapelinho, tampa de um talento em ebulição, dariam para trinta e seis chapéus moles e rijos. A bengala de nodoso castanho, comprada num vão de escada da rua do Arsenal, por vinte e cinco escudos, era o suficiente para ter uma bengala de mangue, que serviria para dar duas bengaladas em quem mangasse comigo e chegaria muito á larga para as custas e sólos e para uma ceia de reconciliação. E se eu me despiisse, se ficasse em roupas brancas, que de exemplos não apareceriam conforme eu fosse tirando a camisa lilás, as cuécas azues e a cam'sola verde... Mas basta de exemplificações!...

Os que se acomodaram a este viver desvairado foram os que durante a Guerra e depois dela fiseram os claros negocios escuros como breu. Os que jogam na bolsa e nos clubs e os que vivem da bolsa... alheia. E ainda os rapazes que conhecem a vida barata apenas por tradição. De um joven de desoito anos, frequentador de lugares de praser, empregado e socio... nas despesas do certa casa comercial, contaram-me o seguinte episodio:

O José Casimiro dá curso livre aos meudos durante a epoca... de ensino, e chegada a temporada... de exames, vem apresentá-los ao juri no liceu do Campo Pequeno.

Este ano começaram por uma prova de frequencia; apresentaram-se no penultimo domingo em exame parcial o Manoel e o José, e terminaram por virem os três, com o Fernando, á pedra no domingo passado.

Foi presidente do juri, com muita intelligancia, o professor Torres Pereira, que é amigo, pelo que não foram precisas cartas de recomendação.

Examinaram-se na mesma tarde os alunos espanhois «Revertito» e «Belmontito», ainda que este ultimo tenha já passado ao ensino secundario. O catedratico Ribeiro Tomé atestou, pela segunda vez neste curso, o aproveitamento dum concorrente, o estudante Madueño, que nos pareceu bastante madueño, aliás maduro.

O Santareno, com a sua boina dou-rada, foi o bedel das provas. Com a lista dos examinandos bem presente, colocou-se na porta dos sustos e começou dando saída aos «problemas», conforme a chamada.

Começou o presidente Torres Pereira por mandar tocar a campainha, ou seja o cornetim, e chamar o primeiro aluno, o matulão do Casimiro



por um "lunatico" de lunetas

Pelas três horas da madrugada de um domingo, á saída de um club, abeirou-se o rapasinho de uma rapar'ga de vida facil, que pelos modos conhece bem as dificuldades da vida: —Estou cheio de notas... Vou alugar um auto. Partimos para Sintra, dormimos lá, damos um grande passeio até ao jantar e depois voltaremos para Lisboa... Posso arrebentar

com um conto a quinhentos, sendo presentes escudos para ti... Agrada-te o programa?

A rapariga pensou um pouco e retorquiu-lhe:

—E' uma loucura gastares tanto dinheiro! Eu faço-te isso mais barato... Passa para cá os tresentos escudos e irei dormir descansada... E tu recolhe ao seio da familia, que

Galarim



Fui no sabado passado
Tomar um sorvete á "Chic"
E ouvi, na mesa ao meu lado,
Um dialogo travado
Sobre o dr. Ray Ulrich.
E um, que se estava ao pé,
E ao qual eu não conheço,
Chegou a dizer até:

—"Qual Ulrich, meu amigo!
Ulrichissimo é que ele é!"

Reporter Y.



Na epoca de exames

Pai, a quer: o Santareno largou, por se tratar dum de maior idade, e maior touro dos que o senhor S. Martinho comprou ao senhor Pinto Barreiros, julgando que eram bravos— um verdadeiro problema.

O crescido aluno toureou a equação com toda a sua equitação e acabou demonstrando que a incognita, o difficil X, era igual á manco ao quadrado. O presidente deu-se por satisfeito e chamou o catedratico Tomé, que se responsabilizou pelos conhecimentos do concorrente Madueño. Este, que estreitava fato novo, tal qual os meninos que vão a exame, saudou os assistentes e esperou a pé firme o problema que o bedel Santareno lhe largou. Depois de errar va-

rias perguntas, resolveu parte do problema no equitro... e pediu licença para ir lá dentro.

—Menino Belmontito! tocou o cornetim. E este menino, acompanhado de outro joven seu patrioio que lhe bandarilhas a equação, terminou por apagar todo da pedra com um trape vermelho, declarando que se tinha enganado e que pedia para repetir a prova.

Seguiu-se imediatamente o aluno Manoel Casimiro, que provou poder passar á instrucção secundaria.

Fechou a primeira sessão o menino «Revertito», que, com o Espirito Santo do veterano «Puntareto», respondeu com um par de perguntas curtas, arrapalhando-se depois e não

deve estar em cuidado com a tua consciencia...

Uma epoca...

Em uma tarde destas, aguardava á porta da alfarraria Portuguesa a chegada de Valença para irmos á Brasileira do Chado fazer a critica humoristica aos painéis. Matando o tempo, eu, Alfredo França e Z..., amenizavamos o atestado contando anedotas e passando revista ás mulheres que passavam. Deve advertir V. Ex.ª de que a maiuscula Z. oculta o nome de um amigo. E' casado e para mais a esposa é ciumenta. O França tinha acabado de nos contar uma historietta espirituosa... Descendo a rua, passei junto a nós uma mulher algo interessante, mas de saias exageradamente curtas e de decote exageradamente comprido. Fixámo-la... O Z... integrou-se:

—Desconfio do porta desta dama! O França, que conhece toda a gente, redarguiu:

—E' honestissima! E' o que se chama uma fortaleza de virtudes...

O Z... teve um olhar ironico de desconfiança.

O França, paladino da dama, perguntou-lhe:

—Duvidas?

—Duvido...—respondeu Z...

—Pois, meu caro, aposto com escudos se me provares o contrario... E passando uma nota ao Z..., acrescentou:—Aqui tens o dinheiro adiantado...

O Z... não quis ouvir mais. Arrebadando a nota, deslisou na penguada da dama.

Fiquei eu e o França. Este continuou afirmando a honorabilidade da criatura, dizendo que a conhecia ha muito tempo. Entretanto chegou o Valença. A conversa animou-se e derivou para outros assuntos. Passou-se assim uma hora. Já estavamos esquecidos da aposta, quando vimos surgir o Z... com o ar radioso e triunfante de um general após o 23 de Maio... Chegou-se á nós e, voltando-se para o França, disse-lhe:

—Sou pessoa honrada... A fortaleza de virtudes rendeu-se por cinquenta escudos! Pega lá os outros cinquenta...

dando pau com bola, pau de bandarilhas com bola de touro, pelo que ficou esperado.

Veiu então um descanço para que as crianças retemperassem as forças com um plicinho com chouriço, sendo todos os comentarios do corredores conformes com a dificuldade dos problemas enviados pelo sr. S. Martinho, um autentico São Martinho!

Betoça o cornetim e recomeçam os exames com o do menino Fernando, de oito anos que até pareceu desoito, dada a importancia bem que o plimpão ataca o problema... sem successo.

Palminhas claré palminhas! Beijinhos claré beijinhos... e vem outra vez á pedra o menino Belmontito, que tambem ouviu palmas, mas de fango, por voltar a cara e não querer matar a charada.

Chegou a vez do José Meudo, um grande magico por quem os lentos se apinham, mas a quem desta vez tiraram uma conta impossivel de fazer, uma conta errada.

Repete-se e como «Revertito», que ficava esperando... e não tinham tido á espera, á espera que chegasse mais exames para lhes dardermos:

—Espera-me logo á saída.

PETIZ-JORNAL

O CONCURSO INFANTIL do *Sempre fixe*

O *Sempre fixe*, no intuito de agradar aos seus leitores pequeninos, abre, a partir de hoje, um concurso infantil.

O nosso distinto colaborador Almada Negreiros, — que apesar dos seus cinquenta anos bem puxados, continúa a ter uma alma de criança —, fez uma historia illustrada, a que pôs o título de

O SONHO DE PECHALIM

Trata-se duma serie de aventuras aereas dum mundo que se apaixonou por uma pequena que foi para o céu.

O *Sempre fixe* irá publicando as gravuras com a respectiva numeração. E os nossos pequeninos leitores devem escrever as correspondentes legendas e enviá-las á nossa redacção.

No final do concurso, todas as legendas serão apreciadas por um júri, sendo distribuidos numerosos premios, proprios para fazerem delirar os concorrentes.

Esses premios serão oportunamente anunciados.



1



2



3



4



5



6



7



— Não saias daí e esse menino, porque ele é que faz os sonhos de nós para a noite...

«O' TER»-POLO na doca de Belem



(Continua)

A divida á Inglaterra



(Desenho de Amarelhe)

—Dá cá, pequena. E agora, toma, mas é juízo...

Volta que o mundo dá...



Ele—O' filha: está aliq' está, que é uma vergonha!

Ela—Que queres? As estrogadeiras, agora, são todas "pilloras", dos ciabal...

"Museu,, da Brasileira do Chitado

TELAS... TOLAS

IX



Apoteose final de um quadro... de revista. "A comadre, foi mais devorada pela baba... de sono. Sceneografia quente, fudo ao fundo deis sorvetes e uma carapinhada de morango para amenizar... a temperatura.